



FORMAÇÃO DOCENTE: A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES ETNICO-RACIAS NA CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS E AUTOIMAGENS DOS EDUCADORES

Juliana Oliveira de Araújo

Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Juliana_oliveiradearaujo@hotmail.com

Cristiane Marcela Pepe

Universidade Federal de Alagoas - UFAL

cristianepepe.ufal@gmail.com

PIBIC / FAPEAL

PALAVRAS-CHAVE: formação docente- relações étnico raciais- imagens e autoimagens.

INTRODUÇÃO

A questão da formação e imagem dos professores tornou-se objeto de inúmeros debates ao longo dos últimos anos, pois representa um campo curioso e conflituoso de investigação e compreensão da separação do eu pessoal e o eu profissional.

Segundo Arroyo (2000, p.124) carregamos a função que exercemos, que somos e a imagem de professor(a) que internalizamos. O autor assinala que a imagem e autoimagem docente é apreendida em múltiplos espaços e tempos, em múltiplas vivências, como resultado das condições psicológicas e sociais que afetam sua docência.

Com base nisso é que apresentamos este estudo, que compõe parte de uma investigação desenvolvida na Iniciação Científica – PIBIC/FAPEAL, no período de

2012/2013, realizado no Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, com foco na formação de professores e que teve como objetivo investigar, como aparece na bibliografia, como os futuros professores se veem e são vistos enquanto sujeitos adultos, no entanto, neste estudo proposto aqui, o presente texto procura abordar a temática relacionada as imagem e autoimagens dos futuros professores do Ensino Fundamental I, tendo em vista que o tema em estudo se caracteriza como um elemento importante de investigação e discussão, levando em consideração que cada professor independente de sua área ou nível de atuação, constrói sua própria imagem, como também é visto de uma determinada maneira pela sociedade na qual está inserido.

Desta forma, nosso **objetivo** neste trabalho é apresentar os resultados de investigação sobre processo de formação dos educadores das séries iniciais e da possível influencia das relações étnico-raciais na construção dessas imagens e autoimagem docentes.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Em relação à metodologia utilizada, como este estudo é de caráter bibliográfico e reflexivo, optamos por uma metodologia de natureza qualitativa conforme definição de Lüdke e André (1986, p.11-3):

a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento.

Os dados coletados são predominantemente descritivos.

A preocupação é com o processo.

O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.

A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

No entanto, os aspectos quantitativos também serão considerados no decorrer da pesquisa. A esse respeito, cumpre salientar o caráter antagônico, mas complementar, dos aspectos qualitativos e quantitativos no processo de conhecimento e no desenvolvimento de uma pesquisa que vem sendo reafirmado por diferentes estudiosos da prática da pesquisa social em geral e, em particular da pesquisa educacional (LÚDKE E ANDRÉ;1986; BOGDAN E BIKLEN, 1994 E TRIVIÑOS, 1987).

RESULTADOS

A construção da imagem pessoal dos educadores na atualidade se desenvolve na confluência entre momentos de formação e prática profissional, situados na dinâmica de um projeto mais amplo de sociedade e cidadania. Na qual as imagens e autoimagens dos professores(as) do Ensino Fundamental I encontram-se profundamente carregadas de construções sociais estabelecidas ao longo da docência, e sua identificação se apresenta como um fator fundamental na vida pessoal e profissional dessa categoria.

Se tomarmos como exemplo a forma como é construído socialmente o perfil das professoras de educação infantil, a partir da análise do processo de feminização ocorrido a partir da segunda metade do século XIX, as mesmas carregam uma imagem difusa e pouco profissional. A imagem da educadora das primeiras séries não é diferente, é polivalente, na qual predomina a competência das primeiras letras e contas, mas, sobretudo o carinho, o cuidado, a dedicação e o acompanhamento das crianças, confundindo, em muitos momentos, o processo de formação docente com o ideal de professora que leva mais a sério os cuidados maternos para a sala de aula, do que necessariamente a competência intelectual (CHAMON, 2005, p. 27).

Refletindo ainda, na constante busca por status e a inserção profissional das mulheres na área da educação, Teixeira (2006, p. 43) revela que no Brasil a ocupação da profissão docente, no magistério, por sexo, é predominantemente feminina: 81,2% contra 18,8% de participação masculina.

Outro fator importante que merece ser levado em consideração e a análise da cor/raça nesse processo de busca e construção da formação e imagem profissional, na qual a educação é majoritariamente branca que equivale a 64,2%, contrapondo-se ao percentual de 34,3% de negros – incluindo pretos e pardos. Sendo assim, podemos observar a dificuldade de educadores(as) negros(a) de se conseguir formação e status profissional. Nesse sentido, Müller (2006, p.50) afirma que:

Em nosso país, a cor da pele ou outros traços fenotípicos, que além da cor, são o tipo de cabelo, os traços fisionômicos, etc., são tidos como indicadores de diferenças e desigualdades. Muitas vezes quem tem a pele escura é tratado como se fosse inferior: inferior na inteligência, inferior nos valores morais (MULLER, 2006, p.50).

Estes traços mencionados têm um reconhecimento forte no imaginário social, porém não conferem um estatuto profissional verídico e devidamente merecido pela categoria docente, na qual a busca por ascensão social, reconhecimento e valorização das imagens e autoimagens docentes, melhorias de salário e de condições de trabalho, se fazem presentes no cotidiano das atuais educadoras. Tendo em vista que, o racismo no Brasil é algo complexo e singular, pois ele se afirma por meio da sua própria negação: ele é negado de forma veemente, mas mantém-se presente no sistema de valores que regem o comportamento da nossa sociedade (GOMES, 2006, p. 92), caracterizando desta feita, uma igualdade mascarada e contraditória inclusive no campo da educação e formação docente.

Infelizmente a construção desse imaginário social negativo em relação à população negra subsiste até hoje em nosso país e se reflete em nossas relações sociais e profissionais, nas quais a complexidade neste processo de construção de identidade e a constante busca pelas imagens e autoimagens reais dos educadores(as) nos fazem perceber a não linearidade nesta construção; cujo presente, passado e futuro não são considerados tempos distantes, mas se chocam diariamente com o agora e com a realidade atual, vivida pelos educadores do Ensino Fundamental I, na qual se dá um processo de negociação, de busca de identificação pessoal e profissional, não podendo nesse ciclo separar o professor da pessoa do professor (NÓVOA, 1992, p. 48)

Observa-se, nesse sentido, que o currículo é determinante e que o mesmo não se caracteriza como um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social, ele está implicado em relações de poder, pois transmite visões sociais particulares e interessadas; ou seja, produz identidades individuais, mas também coletivas. Silva (2000, p. 27) afirma que “... o currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos e naquilo que nos tornaremos”, em outras palavras, o currículo produz o que já está sendo reproduzido. Influenciando diretamente e indiretamente na formação e construção das imagens e autoimagens docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos e as discussões aqui apresentadas são de vital importância para o contexto educacional contemporâneo, tanto no que se refere ao entendimento da realidade educacional quanto no que se refere ao processo de formação e compreensão das imagens e autoimagens dos futuros educadores do Ensino Fundamental I, pois nos

fazem refletir, analisar e questionar como os professores se veem e são vistos pela sociedade, enfocando seu processo identitário e formação docente. Nos conscientizando da real necessidade de incorporação no currículo de estratégias de desconstrução das narrativas e das identidades nacionais, buscando assim, lidar com a questão da diferença como um fator histórico e político (GOMES, 2006, p.18). Assim como cumprir a legislação existente, em colocar em prática a resolução 1/2001, que diz que todos os cursos de formação de professores devem ter em seu currículo a questão étnico-racial contemplada. É urgente efetivar nas Universidades e nas Escolas de Educação Básica, o debate sobre a questão de identidade e valorização das etnias, a fim de que possamos sanar a dívida histórica do Brasil com seu próprio passado, educando, desta feita, para a diversidade e não para uma igualdade contraditória e mascarada.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e Auto – imagens**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério: ambigüidades e conflitos**. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. O desafio da Diversidade. In: GOMES, Nilma Lino Gomes e SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e Silva. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2ª ed – MG, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Breve Recuperação Histórica da Construção de Estereótipos contra a População Negra: Trabalhando as diferenças em Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

NÓVOA, A. (Org.) **Profissão Professor**. Porto: Portugal, 1992.

SILVA Tomás Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2000.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **A presença negra no Magistério: aspectos quantitativos**. In: OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). **Cor e Magistério**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói, RJ: EDUUF, 2006.